

BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o século XXI*. O rabino e o sociólogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 171p.

Meu encontro com esta obra foi desdobrado em dois momentos diferentes. O primeiro deles esteve marcado pela pesquisa que realizei para minha pesquisa em torno da exclusão de estrangeiros em Israel no pós-exílio<sup>1</sup>. Entretanto, as questões apresentadas neste livro mostraram-se muito importantes para que a obra pudesse ser analisada somente sob esta ótica. Então prometi a mim mesma realizar, num segundo momento, uma leitura mais acurada, mais desprendida dos vínculos da minha pesquisa. Daí surgiu esta resenha.

Este é sem dúvida um livro muito interessante. A parceria, numa mesma obra, de dois autores judeus desta categoria, nos permite olhar o judaísmo sob dois diferentes ângulos: de dentro para fora e de fora para dentro. Mas acredito que esta não é a melhor definição para a experiência. Uma definição que, talvez, se aproxime mais da proposta do livro seja a de dizer que a obra nos permite olhar o judaísmo da religião para a sociedade e da sociedade para a religião. Perceber com clareza, e, de antemão, que o livro passeia nesta via de duas mãos facilita a tarefa do/a leitor/a.

É útil levar em conta que os capítulos não pretendiam ser um livro quando surgiram. São frutos de diálogos e artigos publicados em épocas diferentes e que foram posteriormente costurados nesta coletânea de reflexões sobre um judaísmo pós-moderno. Talvez, e por esta razão, num primeiro contato, a obra causa um alvoroço na cabeça do/a leitor/a. Aqueles/las que se apegam ao clássico esquema com “princípio-meio-fim” deverão ficar bastante decepcionados/as com este livro. É provável até que a obra lhes pareça pouco ordenada ou cansativa. Mas a clareza de propósito editorial é evidente, embora se trate de dois autores com perspectivas e experiências bastante diferentes sobre/no judaísmo.

Este é, a meu ver, o único aspecto negativo do livro. Bonder é um rabino, representa o pensamento religioso judaico. Sorj é sociólogo, representa o judaísmo secularizado. A distribuição dos capítulos intercalando os autores, embora atenda à intenção editorial, causa choque no leitor que, ao sair das reflexões rabínicas de Bonder, é pego de assalto com as ponderações mais secularizadas de Sorj. Sai de Sorj e encara novamente Bonder e isto acontece ao longo de todo o livro. Tive melhor proveito na segunda leitura da obra quando li englobadamente os capítulos do rabino e depois os capítulos do sociólogo. Assim ficou mais fácil de estabelecer um diálogo com os autores.

Percebe-se que a coletânea deseja ser um “lugar” de refúgio e reflexão para todos os judeus que se mostram preocupados com a sobrevivência de suas tradições e do próprio judaísmo como sistema de vida religioso e sociológico nestes tempos de

1. CRUZ, Lília Dias M.L. *‘Que nenhum estrangeiro [...] venha a dizer:[...] o Senhor me excluirá de seu povo’*. Um estudo histórico-teológico sobre a exclusão de estrangeiros e propostas de inclusão no Israel do pós-exílio. Rio de Janeiro. 2003, 245 p. [Dissertação – Mestrado em Teologia – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer.

globalização, nos quais as tradições se perdem num cenário característico: o da falta de raízes.

Os capítulos de Bonder trazem reflexões sobre a identidade do judeu e o desafio que é ser judeu em pleno século XXI. Questões como a tolerância quanto à diversidade do judaísmo, filhos de casamentos mistos, conversões, judaísmo-cristão, sionismo, observâncias e restrições são argumentadas com profundidade e objetividade. Bonder também toca em assuntos éticos atuais como a questão do Genoma e sua relação com a Bíblia e com a Cabala, tecnologia de informática entre outros. As considerações sobre descanso e alimentação merecem ser apreciadas por público mais amplo. São necessárias para a preservação da vida humana!

Embora a proposta da tolerância seja uma das tônicas da obra, Bonder se mostra bastante intolerante ao diferenciar os “judeus messiânicos” dos demais judeus. Explícitamente o rabino convoca: “É hora dos tolerantes serem profundamente coerentes com sua essência e exercerem sua intolerância” (p. 45). Bonder considera que a história destes grupos “desafina” o judaísmo, pois tentam parecer judeus quando de fato são cristãos. Bonder afirma que os demais movimentos compreendem diversidade dentro do judaísmo e com estes deve-se ser tolerante. Ele se refere aos judeus messiânicos como um grupo que “se assume como parte da fé judaica que reconhece Jesus enquanto Messias e pratica o judaísmo em sua forma cultural e tradicional [...] sua improbidade é querer passar-se como parte de um grupo minoritário como são os judeus, com um longo passado de submissão a catequeses e ao proselitismo violento, em um momento em que passa por profunda transformação de sua identidade” (p. 45).

O rabino identifica tais grupos como uma variante cristã em busca de suas origens. Reconheço que muitos destes grupos têm provocado uma mistura, nem sempre saudável, de tradições e que em muitas ocasiões acaba-se mutilando uma tradição tão antiga quanto a do judaísmo, mas isto me fez perguntar se ele desconhece que alguns destes grupos tiveram origem com judeus (de sangue, credo e circuncisão) que, ao se converterem ao cristianismo, passaram a ser segregados em seus círculos tradicionais. Sendo judeus e tendo suas tradições, também não se enquadravam nas igrejas cristãs. Posteriormente a eles se agregaram simpatizantes não judeus, mas o movimento não foi iniciado por simpatizantes. Tamanha intolerância do rabino me fez querer pesquisar mais a questão e fazer uma releitura dos movimentos de judeus-messiânicos.

Os artigos de Sorj, em grande parte adaptados como capítulos para este livro, trazem considerações sociológicas claras, relevantes e levantam questionamentos de importância capital para todos os interessados em questões políticas, religiosas, históricas e sociais de Israel. Sorj apresenta, em um de seus capítulos, a evolução de perfil do judaísmo desde os tempos bíblicos até os dias atuais. Com isto, ele propõe o aprendizado de um novo modelo de judaísmo a partir da realidade do judaísmo no Brasil. Isto é, um judaísmo, influenciado pela cultura local, menos fixado na memória da perseguição e da segregação do passado e mais voltado para uma convivência solidária com o restante da humanidade tendo os olhos projetados no futuro.

Aliás, como bons judeus, os autores não pretendem responder indagações, mas, quem sabe, levantar muitas outras. Ambos tratam com honestidade a crise de identidade que o judaísmo vem sofrendo nos últimos tempos, principalmente depois da criação do Estado de Israel. Na visão dos autores as soluções apontadas para esta crise têm suscitado um espírito xenófobo e exclusivista, cuja contraproposta oferecem nesta obra.

Igualmente importante são as ponderações de Sorj sobre a sociabilidade brasileira, principalmente por não serem restritas à sua relação com o judaísmo. Passando por Gilberto Freire e Roberto Da Matta, Sorj lança um enfoque diferente sobre esta questão, e que vale a pena ser conferido pelos pesquisadores da área.

Algumas citações que gostaria de destacar são:

“O intolerável é sempre uma medida muito interessante. Representa a transgressão de uma fronteira que na verdade só se define claramente ao ser cruzada. Infeliz do tolerante que não conhece a experiência de limites” (Bonder, p. 43);

“Shabat é uma necessidade do planeta [...]. Lazer não é feito de descanso, mas de ocupações para não nos ocuparmos [...]. Sonhamos com uma longevidade de 120 anos quando não sabemos o que fazer numa tarde de Domingo” (Bonder, p. 89 e 91);

“Não é difícil demonstrar que um povo pequeno só pode sobreviver ao longo do tempo caso consiga dissociar seu destino de um espaço físico único” (Sorj, p. 134);

“A crise do judaísmo é antes de tudo interna. As ideologias em torno das quais ele se construiu ruíram [...]. No centro dessa crise está a ausência de uma utopia solidária, coletiva, que repense o sentido da história, capaz de produzir uma versão renovada da mensagem profética” (Sorj, p. 137).

Esta obra nos faz refletir sobre a resistência em momentos de perda de identidade. O fio condutor é a sobrevivência das tradições num mundo globalizado, onde a perda da identidade cultural é uma das suas principais características, e o judaísmo, por este e por muitos outros motivos, não está fora do contexto. É um livro útil em muitos aspectos no que tange à temática da inclusão.

O que se verifica na atualidade é a antiga verdade de que os momentos de reafirmação de identidade, sejam eles de ordem cultural, religiosa ou geográfica, são, em geral, marcados por intolerância e exclusão.

A situação atual em Israel não é diferente da que aconteceu no pós-exílio quando os judeus deportados começaram a voltar para Judá, ocupada por uma mistura de gente, principalmente estrangeira. Como não faltou naquela época propostas de inclusão, é louvável a iniciativa dos autores de proporem, através desta obra, um modelo de judaísmo inclusivo, tolerante e de partilha para os dias de hoje.

De fato, alguns já têm entendido, na prática, o que é este exercício. Vários grupos pacifistas de israelenses e palestinos têm ousado desta forma lá no “front”, pagando,

muitas vezes, com a própria vida e recebendo como troco a recriminação dos radicais de ambos os lados. Este esforço prático num momento conturbado de negociação de fronteiras, ameaças militares e tratados de paz entre israelenses e palestinos, precisa ser encarado de forma diferente.

Nas palavras de Sorj, “um desafio central para a diáspora judaica é construir uma nova identidade que não esteja fundada na perseguição e na vitimação” (p. 135). Quem sabe um primeiro passo não seja o de se começar a valorizar, na memória nacional do povo judeu, os, já cognominados por um programa de TV, “militantes anônimos da paz”?

*Lília Dias Marianno Lima da Cruz*  
Estrada Roberto Burle Marx, 9140, casa 12  
Barra de Guaratiba  
23020-240 Rio de Janeiro, RJ